



REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO COMENTADA COMO GÊNERO ACADÊMICO

REFLECTIONS ON COMMENTATED TRANSLATION AS AN ACADEMIC GENRE

Gilles Jean Abes¹

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a tradução comentada enquanto gênero acadêmico. A montante, procura-se pensar os elementos fundantes da própria constituição do comentário, apontando um conjunto de procedimentos teórico-metodológicos que possibilitam e originam os comentários. Com isso, é necessário esboçar uma definição dos termos “comentário” e “nota”, assim como do que vem a ser uma “tradução comentada”, focando especialmente o texto literário, diferenciando-a da tradução anotada e da própria nota. Busca-se, igualmente, a partir de uma abordagem mais *stricto sensu* do comentário, situá-lo como gênero específico acadêmico. A jusante, finalmente, visa-se refletir a respeito do impacto dos comentários sobre uma tradução, nas suas diferentes manifestações, assim como para o tradutor e o leitor. As pesquisas de Torres (2017), Zavaglia, Renard e Janczur (2015), Boisseau (2007), Sardin (2007), Berman (1986) formaram os principais textos teóricos do presente trabalho. Trata-se, em suma, de auxiliar o/a pesquisador/a que opta por realizar a tradução comentada de uma obra literária.

Palavras-chave: tradução comentada; gênero acadêmico; definições.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on commented translation as an academic genre. Upstream, we try to think about the founding elements of the very constitution of the comment, pointing out a set of theoretical-methodological procedures that make possible and originate the comments. With that in mind, it is necessary to outline a definition of the terms “comment” and “note”, as well as what a “commented translation” is, focusing especially on the literary text, differentiating it from annotated translation and the note itself. It is also sought, from a more stricto sensu approach

¹ Professor no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET): <gillesufsc@gmail.com>. <https://orcid.org/0000-0001-9063-1997>

to commentary, to situate it as a specific academic genre. Downstream, finally, the aim is to reflect on the impact of comments on a translation, in its different manifestations, as well as for the translator and the reader. Research by Torres (2017), Zavaglia, Renard and Janczur (2015), Boisseau (2007), Sardin (2007), Berman (1986) formed the main theoretical texts of this work. It is, in short, about helping the researcher who chooses to carry out the commented translation of a literary work.

Keywords: commented translation; academic gender; definitions.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Et en iceulx [souspirs] peult on obtenir plus de grace, d'intelligence et de congnoissance de Dieu et de ses saintes escriptures, que en lisant les commentaires et escriptures des hommes sur icelles.

Epistre exhortatoire aux Epistres, Nouv. Testam. éd. Lefebre d'Étaples, Paris, 1525.²

O comentário já se constituiu em caminho privilegiado para as Escrituras. A epígrafe acima revela seu *status* elevado na leitura de textos religiosos que levaria, com graça e inteligência, ao conhecimento dos textos sagrados.

Na atualidade, é muito diversa a situação do comentário se pensarmos na tradução. Praticado comumente no âmbito acadêmico, o uso de notas – uma das possíveis manifestações do comentário –, ainda é polêmico no contexto editorial, com exceção, via de regra, das editoras universitárias. Além disso, no caso específico da tradução comentada de textos literários, gênero de pesquisa muito frequente em dissertações e teses no campo dos Estudos da Tradução, paradoxalmente, há uma manifesta falta de estudos especificamente sobre questões teórico-metodológicas envolvendo esse gênero. Ainda que poucos, existem, evidentemente, excelentes trabalhos sobre tradução comentada (Zavaglia; Renard; Janczur, 2015; Torres, 2017).

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a tradução comentada compreendida como gênero acadêmico, procurando suplementar as pesquisas já realizadas com uma abordagem diferente. Não se trata de assemelhar o traduzir ao comentar, afirmando que a tradução é uma forma de comentar o texto de partida. Também não se pretende avançar em questões históricas. Sabemos que a tradução comentada surge com a tradução de textos sagrados e a prática do comentário linha a linha. Tampouco analiso exemplos de traduções comentadas. Trata-se, sobretudo, de auxiliar o/a pesquisador/a que opta por realizar a tradução comentada de uma obra literária e de colocar a questão do comentário *stricto sensu*.

A montante, busca-se assim pensar os elementos fundantes da própria constituição do comentário, apontando um conjunto de procedimentos teórico-metodológicos que possibilitam e originam comentários. Com isso, é necessário esboçar uma definição do que vem a ser uma “tradução comentada” enquanto gênero específico. É evidente que toda busca por definições, por

² Disponível em: Littré - commentaire - définition, citations, étymologie (littré.org). Acesso em: 7 nov. 2022.

delimitações, apresenta riscos e *defeitos*. De pronto, pode-se afirmar que esses limites traçados na presente reflexão são apenas balizas móveis, portanto, passíveis de questionamento, não isentas de suplementação, revisões e deslocamentos. O intuito é meramente de orientar e indicar pistas possíveis àqueles que pretendem realizar uma tradução comentada. Para delinear esse percurso, não há outra saída senão elaborar uma cartografia temporária do que vem a ser a tradução comentada e o próprio comentário.

A jusante, visa-se refletir a respeito do papel dos comentários sobre uma tradução, nas suas diferentes manifestações, assim como do seu impacto para o tradutor e o leitor.

O que *faz* o comentário na tradução?

COMENTÁRIO OU NOTA?

O comentário e a nota possuem uma similitude, ambos são metatextos. Segundo Berman (1986, p. 88), a crítica, o comentário e a tradução são metatextos cuja finalidade é a de “comunicar”, sendo que a crítica e o comentário procurariam comunicar o “sentido” das obras.

A questão acima é pertinente pois coloca de imediato o problema da diferenciação entre o comentário e a nota que parecem ser empregados indistintamente. No campo dos Estudos da Tradução, é frequente ler a indicação “tradução comentada e anotada”, mas tal distinção, marcada pelo emprego da conjunção “e”, não parece ser unanimidade.

Williams e Chesterman, em sua obra *The Map*, no item “Areas in Translation Research” e no subitem “Texts Analysis and Translation”, trazem *translation with commentary* e *annotated translation* como formas de nomear esse mesmo gênero textual. Segundo os autores, “uma tradução com comentários (ou tradução anotada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução” (Zavaglia; Renard; Janczur, 2015, p. 333).

Percebe-se que Williams e Chesterman não distinguem “tradução comentada” e tradução anotada”. Estas expressões seriam realmente intercambiáveis?

Ao observar as definições dos dois termos no dicionário *Aurélio*, percebemos imediatamente uma divergência. Em sua primeira acepção, o comentário é uma ponderação, observação, análise ou opinião expressa sobre um fato. A segunda remete a um conjunto de notas explicativas de quaisquer assuntos. Em outras palavras, o comentário é relacionado à glosa, a um tipo de apontamento que, num texto, permite elucidar um trecho ou fornecer o significado de uma palavra. Trata-se de um comentário de teor explicativo que pode constituir-se em nota(s). Algumas definições também associam o comentário a um conjunto de notas. Etimologicamente, origina-se do latim *commentarius*, de *commentari*, “meditar” que associa aqui a uma necessidade de *reflexão*. O verbo “comentar” deixa ainda mais explícita sua relação com uma postura crítica: “Fazer ficar compreensível, claro; compreender algo através de uma argumentação escrita ou falada. Desenvolver ou realizar um comentário e/ou análise crítica.” O comentário está, assim, estreitamente ligado a uma análise crítica, que inicia na leitura do original ou da tradução (quando o texto de partida já foi traduzido).

Por sua vez, para o vocábulo “nota”, constam as seguintes acepções, dentre aquelas que aqui nos interessam: “Indicação curta para lembrar alguma coisa; marca. Comentário sucinto; esclarecimento.” É preciso igualmente destacar a ambiguidade da palavra “nota”, que também se refere,

por extensão, a um espaço específico na obra, seja no rodapé ou no final de um capítulo (ou do volume). O comentário, por outro lado, pode ocupar diferentes espaços: o corpo do texto (trabalho acadêmico), o prefácio ou nota do tradutor, o posfácio, assim como notas de rodapé (ou de fim). Há ainda a questão do glossário que pode substituir a nota quando esta diz respeito ao sentido de determinados termos, geralmente ligados a uma cultura distinta (fauna, flora, gírias, neologismos, trocadilhos etc.). Em alguns casos mais raros, em traduções literárias, o que poderia ser explicado em uma nota vem *incorporar* o próprio texto da tradução com o uso de parênteses, procedimento que interfere mais diretamente na leitura ao acrescentar e explicitar o sentido no corpo da obra ao invés de no seu entorno.

Por consequência, a nota é tão somente uma das manifestações do comentário. Num trabalho de tipo acadêmico (artigo, dissertação, tese), o comentário ocupa boa parte do corpo do texto, sequer precisando de nota. Em outras palavras, o comentário vai muito além daquilo que denominamos “nota”.

Considero, portanto, que o comentário e a nota não são sinônimos. Assim, no que tange à tradução comentada e anotada, no âmbito acadêmico, devemos distingui-las se associarmos o comentário a uma análise crítica do processo tradutório e a uma reflexão sobre determinados procedimentos. A nota é antes um espaço de expressão do comentário. Outra distinção significativa é que a nota pode ser de diferentes naturezas, a exemplo de sua função exegetica.

É provavelmente quando preenche uma função exegetica que a nota do tradutor aparece em seu uso mais comum, e igualmente menos controverso, quando ela é um “breve esclarecimento necessário à inteligibilidade de um texto”, como definido pelo Petit Robert. Sua tarefa consiste então em elucidar uma noção cultural ou civilizacional; ela intervém quando uma lacuna contextual, marca de uma diferença, se faz sentir, e permite limitá-la, de maneira visível e objetiva, remetendo ao rodapé ou direcionando ao final do volume. Sua referência fica fora do texto (Sardín, 2007, p. 122).³

Não é possível simplesmente assemelhar uma nota informativa – ainda que seja a manifestação mais comum do tradutor – a um comentário que necessariamente deve comportar uma análise da obra ou do processo tradutório: deve *meditar* sobre o objeto. Em alguns casos, inclusive, a nota pode ser simplesmente substituída por um glossário.

A POLÊMICA SOBRE A NOTA DO TRADUTOR

O emprego da nota do tradutor ainda é polêmico e depende da política editorial de cada editora. Praticamente ausente das obras literárias no passado, nos últimos anos tem se tornado mais presente, ainda que usada com bastante parcimônia. Com efeito, a nota e o comentário criam um hiato no fluxo da leitura nem sempre desejado pelas editoras.

Mas se a nota do tradutor é às vezes tão criticada, é também provavelmente porque ao romper a unidade do texto e ao descentralizá-lo, ela violenta o texto,

³ C'est probablement quand elle remplit une fonction exégétique que la note du traducteur apparaît dans son usage le plus répandu, et aussi le moins controversé, quand elle est ce « bref éclaircissement nécessaire à l'intelligence d'un texte » que définit le Petit Robert. Sa tâche consiste alors à élucider une notion culturelle ou civilisationnelle ; elle intervient lorsqu'une lacune contextuelle, marque d'une différence, se fait sentir, et permet de la réduire, de façon visible et objective, par l'appel en bas de page ou le renvoi en fin de volume. Sa référence est au hors-texte. Todas as traduções, no corpo do texto, são de minha autoria.

e manifesta uma crise da tradução no ser homológico, idêntico a si mesmo, *self-contained*. A nota assinala um hiato, o jogo diferencial que afeta todo texto traduzido. Lugar de surgimento da voz própria do tradutor, ela trai, no âmago do texto, a natureza dialógica do traduzir e o conflito de autoridade que ali se enreda (Sardin, 2007, p. 121).⁴

Esse hiato apaga a ilusão de que o texto que se está lendo é *o original*, dando o lugar para *outro original*: a tradução. A voz do tradutor, de sua autoria, surge justamente na nota, ao abrir uma pausa na leitura e explicitar sua *presença* com a menção “Nota do tradutor”. Para além da nota, a explicitação do *modus operandi* do tradutor, através do comentário presente em um prefácio, notas ou posfácios, dá visibilidade ao seu ofício. Veremos, mais adiante, o impacto positivo do irrompimento do tradutor no texto traduzido.

Por hora, importa discutir as imagens negativas associadas ao uso dessas notas e de outros apontamentos do tradutor. Segundo Boisseau,

[...] a nota está sempre num entre dois: entre o original e a tradução, entre o centro e a borda, entre a explicação objetiva e o suplemento subjetivo, nem tradução, nem plenamente comentário, antes claro **indício do inacabamento e da imperfeição de uma tradução** (2007, p. 04).⁵

Por qual motivo deve-se estabelecer como princípio uma possível “perfeição da tradução” ou até mesmo do original? Toda obra, ontologicamente, não seria *inacabada*?

A ideia de que uma tradução poderia ser *perfeita* nos remete à concepção equivocada da possibilidade de absoluta fidelidade. É evidente que a necessidade da nota deve ser pesada, ainda mais se pensarmos na facilidade com que temos acesso a informações pela internet. Em alguns casos raros, a nota ou o glossário talvez nem seja desejada pelo autor ou autora, a exemplo do romance *Laranja mecânica* (2004), de Anthony Burgess. Conforme relata Fábio Fernandes, autor da segunda tradução para o português brasileiro, Burgess queria que o leitor provasse o mesmo estranhamento que ele mesmo provou ao não compreender as gírias do leste de Londres (*cockney*) quando retornou da Índia. O *nadsat* é justamente uma linguagem artificial criada pelo autor, a partir, sobretudo, de corruptelas do russo e do inglês, para elaborar a tentativa de gíria atemporal empregada por Alex, protagonista e narrador do romance:

A ideia original de compilar num glossário os termos da linguagem nadsat não partiu de Anthony Burgess, mas do crítico Stanley Edgar Hyman, que preparou essa lista juntamente com um pequeno posfácio para a primeira edição americana do livro, em 1963 – embora, como ele próprio reconhece, “seja inteiramente não-autorizado.”

Nem poderia: a intenção original de Burgess era provocar uma forte sensação de estranhamento no leitor, talvez como se ele fosse um vek starre (poneou,

⁴ Mais si la note du traducteur est parfois tant décriée, c’est probablement aussi parce qu’en rompant l’unité du texte et en le décentrant, elle lui fait violence, et manifeste une crise de la traduction à être homologique, identique à soi, *self-contained*. La note signale un hiatus, le jeu différentiel qui affecte tout texte traduit. Lieu de surgissement de la voix propre du traducteur, elle trahit, au plus près du texte, la nature dialogique du traduire et le conflit d’autorité qui s’y trame.

⁵ La note est donc toujours entre deux : entre l’original et sa traduction, entre le centre du texte et son bord, entre l’explication objective et le supplément subjectif, ni traduction, ni pleinement commentaire mais indice clair de l’inachèvement et de l’imperfection d’une traduction. Destaque meu.

drugui?⁶) jogado subitamente em um mundo mais jovem, mais violento e absolutamente incompreensível (2004, p. 193).

Trata-se, evidentemente, de um caso singular, mas não menos expressivo das ponderações que o tradutor deve fazer ao empregar notas. De qualquer forma, a nota e o comentário nada têm a ver com uma suposta imperfeição da tradução ou um fracasso do tradutor. Uma tradução está sempre flertando com o impossível, constituído nas diferenças entre as línguas que possuem maneiras distintas de expressar o mundo. Mesmo que a tradução não renuncie a traduzir o que supostamente parece intraduzível, não significa que a tarefa seja menos árdua. Se a intraduzibilidade pode estimular o tradutor em sua capacidade criativa, algumas diferenças – pensando aqui em elementos culturais ou da linguagem – são quase impossíveis de reproduzir *tal qual*. Assim, ao contrário de um defeito da tradução, a nota e o comentário explicitam antes a criatividade dos tradutores.

Além disso, é curioso observar que quando passamos para outro gênero textual, a exemplo da correspondência (gênero epistolar), mesmo abordando cartas escritas originalmente em português, o uso de notas é quase imprescindível. A compreensão do que está em jogo em cartas trocadas por artistas seria bastante fragmentada ou mesmo insuficiente se não fossem as notas. A indicação de missivas perdidas, a dúvida sobre uma datação, uma explicação sobre o contexto histórico ou um debate, um esclarecimento sobre uma referência, a explicitação do nome de uma pessoa, dentre outras questões, são informações valiosas que auxiliam a leitura. Por qual motivo então condenar as notas quando lidamos com uma tradução?

Se podemos entender as questões comerciais que envolvem o uso de notas numa tradução, notadamente no espaço suplementar que ocupam, por outro lado, fica evidente que a *qualidade* da tradução também tem um papel fundamental para as vendas de uma obra.

Num trabalho acadêmico, a questão nem se coloca e a presença de notas e comentários é não somente aceita como fundante do próprio gênero denominado “tradução comentada”. Seja no trabalho ou na tradução em si, os comentários e as notas são onipresentes. É somente ao pensar em sua publicação que a questão da necessidade (ou possibilidade) da nota se coloca de forma mais aguda.

A MONTANTE DA TRADUÇÃO COMENTADA

De meu ponto de vista, a tradução comentada se fundamenta em duas explicitações no decorrer da tradução. Expõe, de um lado, o projeto de tradução, com toda a leitura (crítica) necessária para sua elaboração. De outro, a experiência do processo tradutório, em suas diferentes etapas, com a análise de seus desafios e escolhas devidamente justificadas pelo autor ou autora do trabalho.

Segundo Torres (2017, p. 15), “[...] o comentário explica e teoriza de forma clara e explícita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores.” Portanto, uma tradução comentada descreve etapas do trabalho tradutório, apontando e justificando a base teórica, elaborando reflexões a respeito de determinados procedimentos. No entanto, para que haja comentário, todo um trabalho, a montante, deve ser realizado.

⁶ Um vek starre: um sujeito velho. Poneou, drugui? Entendeu, amigo?

Etapas que precedem o comentário⁷ no caso do trabalho acadêmico.

- Leitura do texto escolhido e da obra do autor ou autora.
- *Estado da arte* das pesquisas realizadas sobre o autor ou autora e a obra escolhida. Trata-se de um levantamento dos trabalhos acadêmicos publicados sobre o objeto de pesquisa que possibilita mapear como e o que se tem estudado a respeito. Esse mapeamento permite perceber, inicialmente, se é muito estudada no sistema literário de chegada (brasileiro, por exemplo), o que pode apontar para um trabalho pioneiro e de referência para futuros estudos.
- Leitura da *fortuna crítica* (conjunto dos trabalhos) produzida sobre esse autor ou autora, buscando levantar elementos característicos de sua escrita, o que chamamos de *literariedade*, a recepção da obra, os temas abordados, as diferentes *leituras* de uma mesma obra (histórica, psicanalítica, de gênero etc.), entre outras questões.
- Escolha da base teórica que sustentará a maneira como o texto de partida (e/ou as traduções anteriores) será abordado: o estabelecimento do projeto de tradução. É fundamental optar por teóricos condizentes com o tipo de tradução que se pretende realizar, ao menos confrontá-los com ciência de suas diferenças/divergências. Vale também destacar a atenção que deve ser dada à coerência entre as teorias abordadas. Nesse sentido, não basta indicar os autores e autoras, mas igualmente explicar de que maneira suas reflexões auxiliam o projeto e processo de tradução.
- Análise das traduções anteriores, no caso de uma retradução, e/ou de traduções em outros idiomas. Sabe-se que essa leitura crítica fomenta muitas observações que podem ser valiosas nas futuras escolhas do tradutor/a, no que diz respeito ao que deseja ou não fazer. Também são bastante pertinentes para auxiliar as justificativas do tradutor/a e o projeto de tradução.
- Consulta a traduções de obras similares, do mesmo período e gênero, sobretudo quando se trata de textos mais antigos. Esse estudo possibilita ter *modelos* de traduções a partir dos quais é possível se espelhar e/ou divergir. Torna-se assim exequível verificar quais foram as escolhas no que tange aos pronomes de tratamento, se houve uso de notas e de paratextos (prefácio, posfácio, nota do tradutor), se foi empregado um português mais moderno, como foram vertidas as marcas de oralidade, traduzidos os topônimos, aspectos culturais, gírias e trocadilhos, se houve manutenção da sintaxe, do ritmo do texto, dentre várias questões que poderiam surgir para o tradutor. No caso da poesia, se aspectos formais foram privilegiados em relação à construção das imagens, à manutenção de registros distintos, se o espaço gráfico foi recriado etc. Essas traduções também permitem observar as políticas editoriais mais recentes, inclusive quanto aos elementos supracitados, o que é bastante significativo quando se pretende posteriormente publicar a tradução.
- Outra etapa que pode parecer evidente, mas é primordial, é a leitura de traduções comentadas, sobretudo acadêmicas, para saber o que vem a ser uma tradução comentada, qual é a organização deste tipo específico de trabalho, qual foi a base teórico-metodológica empregada, como foram estruturadas, dentre alguns pontos que se pode observar.

⁷ Esse trecho pode parecer demasiado didático e amplo. Na verdade, a ideia do artigo surgiu justamente da experiência da sala de aula e da demanda dos estudantes de pós-graduação por esclarecimentos quanto ao que vem a ser uma tradução comentada, de que maneira se estrutura etc.

Esse trabalho prévio possibilita tecer comentários ao estabelecer o projeto de tradução (do trabalho acadêmico ou da tradução destinada à publicação) e explicitar o processo tradutório. Obviamente, o projeto pode evoluir no decorrer da tradução, experiência que, sem sombra de dúvida, coloca outros problemas para o tradutor e o leva a reconsiderar parte de suas decisões previamente estabelecidas.

Como afirma Torres (2017, p. 19): “O meu comentário explica e teoriza sobre parte do processo de tradução, sobre os modelos de traduções existentes e sobre algumas das minhas escolhas de tradução justificadas”. Eis o que pode ser encontrado em prefácios, notas do tradutor e posfácios, em obras publicadas. Um bom exemplo é a coleção “Clássicos”, dos livros de bolso da Penguin Classics Companhia das Letras. Apesar de visarem uma edição de menor custo, esses livros possuem vários paratextos com comentários sobre o processo tradutório e um aparato crítico. O *Otelo* (2017), traduzido por Lawrence Flores Pereira, possui inclusive mais comentários do que a peça em si.

No caso específico da tradução comentada em dissertações e teses (ou artigos e capítulos de livros), deparamo-nos obviamente com uma discussão mais extensa dado o amplo espaço no qual pode-se explicar e teorizar o processo de tradução. Geralmente, na estrutura desses trabalhos, apresenta-se inicialmente o autor ou autora e sua obra, justificando o motivo dessa escolha e qual será a abordagem teórico-metodológica empregada para a tradução. O pesquisador precisa evidenciar elementos específicos do texto que ele elegeu (*literariedade*), com base na fortuna crítica, e que tipo de tradução será efetivada, com menor ou maior aderência ao texto de partida (Faleiros, 2012). Existem várias maneiras de traduzir um texto. A questão central é, portanto, tão somente a de procurar obter o máximo de coerência entre o projeto e as escolhas tradutórias. Não faz sentido, por exemplo, eleger as reflexões de Paulo Henriques Britto para uma tradução que pretende ser antes uma releitura da obra original e que, com isso, se afastará significativamente do texto de partida. Sabe-se que Britto (2012) defende o máximo de aderência possível ao texto fonte, ainda que com soluções criativas. Uma abordagem funcionalista será mais adequada para uma tradução que prioriza a comunicabilidade com o leitor. Uma releitura que procure repensar elementos relacionados aos estudos de gênero exigirá um conhecimento neste campo específico de estudo, e assim por diante. Algumas obras necessitarão de uma seleção (contos, cartas) cujos critérios deverão ser explicitados na introdução. Uma parte do trabalho acadêmico se ocupará justamente dos comentários sobre os desafios e soluções da tradução, podendo ser dividida por temas: “topônimos”, “sintaxe”, “gíria”, “humor”, “registros”, “pronomes de tratamento” etc. A tradução em si será apresentada em duas colunas, mais especificamente na segunda, à direita da obra original.

Eis um exemplo de sumário comum de uma tradução comentada no âmbito acadêmico:

1. Introdução: apresentação do autor e da obra (com a justificativa dessa escolha) e explicitação da abordagem teórico-metodológica (quais teóricos serão escolhidos e de que maneira serão úteis). Explicação da estrutura do trabalho (sumário).
2. Capítulo II: o autor ou autora e as características da obra (do conjunto da obra ao objeto de estudo) com base na fortuna crítica.
3. Capítulo III: reflexão teórica no campo dos estudos da tradução (em consonância com o tipo de tradução que se pretende realizar) e estabelecimento do projeto de tradução. Aqui a análise das traduções anteriores tem papel significativo.
4. Capítulo IV: comentários que dizem respeito aos desafios e escolhas justificadas pelo tradutor/pesquisador.

5. Capítulo V: inserção da tradução, em duas colunas, com o original à esquerda.
6. Considerações finais.

Evidentemente, trata-se aqui de um exemplo de sumário bastante simplificado. O intuito é apenas de apresentar um modelo possível de tradução comentada para ilustrar o que foi dito anteriormente. Não foi abordada, por exemplo, a necessidade de uma hipótese no caso da tese de doutorado.

A JUSANTE, O IMPACTO DO COMENTÁRIO

O que *faz* o comentário na tradução? Qual é seu impacto para o tradutor e o leitor?

“O conteúdo da caixa de Pandora pode efetivamente tornar-se muito menos assustador; podemos alcançar uma vida material mais humana, se pelo menos entendermos como são feitas as coisas” (Sennett, 2013, p. 18). Entender como são feitas as coisas, e por que não, como são feitas as traduções, eis certamente um meio de alcançar uma vida material mais humana. Em outras palavras, o comentário dá a ver o complexo processo tradutório que se encontra camuflado por detrás das cortinas de uma obra literária (traduzida!). O hiato criado por esse tipo de metatexto, longe de ser visto negativamente, como uma falha ou intrusão indesejada do tradutor, manifesta a tradução revelando uma vida material humanizada, ou seja, não mecânica. Assim sendo, um importante impacto do comentário e da nota para o tradutor reside na manifestação de seu ofício. Trata-se aqui de um meio de lutar contra a invisibilidade do tradutor. Se o comentário é o lugar de surgimento de sua voz própria, antes é a manifestação do que *sabe* o tradutor.

Uma solução prática (não a única) pode ser a de evidenciar a complexidade do ofício para valorizar a profissão do tradutor e da tradutora, sua *masterstvó*, para evitar a associação do ofício a um fazer mecânico, certamente reforçado por programas de tradução automática. [...] É preciso evidenciar o *poiein* como elemento fundante do ato tradutório e dar visibilidade *ao que sabe a mão* do tradutor-artífice (Abes, 2022, p. 13).

Ao leitor cabe a escolha de consultar ou não as notas ou comentários presentes na obra em seus paratextos. Em última instância, este terá um amplo entendimento do que está em jogo em um processo tradutório. Poderá considerar, eventualmente, a seriedade com que o tradutor realizou sua obra e o respeito que teve por seu leitor ao explicar e justificar suas escolhas. Há igualmente uma possibilidade de “educação ao comentário”, de sorte que se normalize a presença de paratextos em obras traduzidas para que, novamente, como na epígrafe supracitada, o comentário retome seu lugar privilegiado de vereda para o conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comentário ocupa vários espaços – nota do tradutor, prefácio, posfácio – em obras literárias traduzidas. A nota é tão somente uma de suas manifestações, isto porque entendemos o comentário não apenas como uma explicação ou uma mera informação. Não o associamos exclusivamente a uma função exegetica. O comentário está relacionado à glosa, ou seja, a uma interpretação, a uma série de observações e à crítica do objeto comentado. Para além de explicar o processo tradutório, o comentário busca refletir teoricamente sobre questões de tradução, analisando outras traduções

ou obras, para estabelecer um projeto próprio de tradução. Ainda que haja explicação, essa se sustenta em uma reflexão apurada de um processo que nada tem de mecânico.

A tradução comentada, no âmbito acadêmico, é o espaço privilegiado de expressão do comentário que não deve contentar-se em descrever, mas sobretudo em pensar e problematizar o gesto tradutório.

Fazendo referência a Derrida, citado por Sardin (2007, p. 122), precisamos fazer com que os *limites* se tornem *passagens*. Se pensarmos nas traduções de obras literárias, os limites impostos ao comentário e às notas podem dar lugar a passagens para o *outro*. A natureza dialógica do traduzir deve deixar de ser escandalosa, não somente para abrir caminho para o conhecimento de uma obra e de seu complexo processo tradutório, mas também – contra o que se entende como uma intrusão – para a justa visibilidade do tradutor.

Se para Berman “comentar é ler em detalhe” (1986, p. 92),⁸ entendo que comentar é *traduzir em detalhe*; revelar como a tradução funciona; dar a ver o que está em jogo no processo tradutório; finalmente, visibilizar o que sabe a mão do tradutor-artífice. Não se trata apenas de uma atenção ao detalhe, mas de evidenciar os *detalhes* da tradução.

REFERÊNCIAS

- ABES, G. J. A invisibilidade do tradutor: ofício, profissão e gestos de um artífice. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Porto Alegre, v. 24, n. 47, p. 5-14, set./dez. 2022.
- BERMAN, A. Critique, commentaire et traduction (Quelques réflexions à partir de Benjamin et de Blanchot). *Po&sie*, Paris, v. 37, 1986.
- BOISSEAU, M. Présentation. *Palimpsestes* [En ligne], 20 | 2007, mis en ligne le 28 juin 2010. Disponível em: 20 | 2007 De la traduction comme commentaire au commentaire de traduction (openedition.org). Acesso em: 3 nov. 2002.
- BRITTO, P. H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BURGESS, A. *Laranja mecânica*. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2004.
- FALEIROS, Á. *Traduzir o poema*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.
- SARDIN, P. De la note du traducteur comme commentaire: entre texte, paratexte et prétexte. *Palimpsestes*, v. 20, p. 121-136, 2007.
- SENNETT, R. *O artífice*. Tradução de Clóvis Marques. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- TORRES, M.-H. C. *Por que e como pesquisar a tradução comentada?* Literatura traduzida: Antologias, coletâneas e coleções. Organizadores: Marie-Hélène Catherine Torres, Luana Ferreira de Freitas e Walter Carlos Costa. Fortaleza: Substância, 2017. 316 p.
- ZAVAGLIA, A.; RENARD, C. M. C.; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015.

⁸ «Commenter est lire en détail»

Dicionários

<https://www.cnrtl.fr/definition/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

<https://www.littre.org/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

<https://www.dicio.com.br/aurelio/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

Littré - commentaire - définition, citations, étymologie (littre.org). Acesso em: 7 nov. 2022.